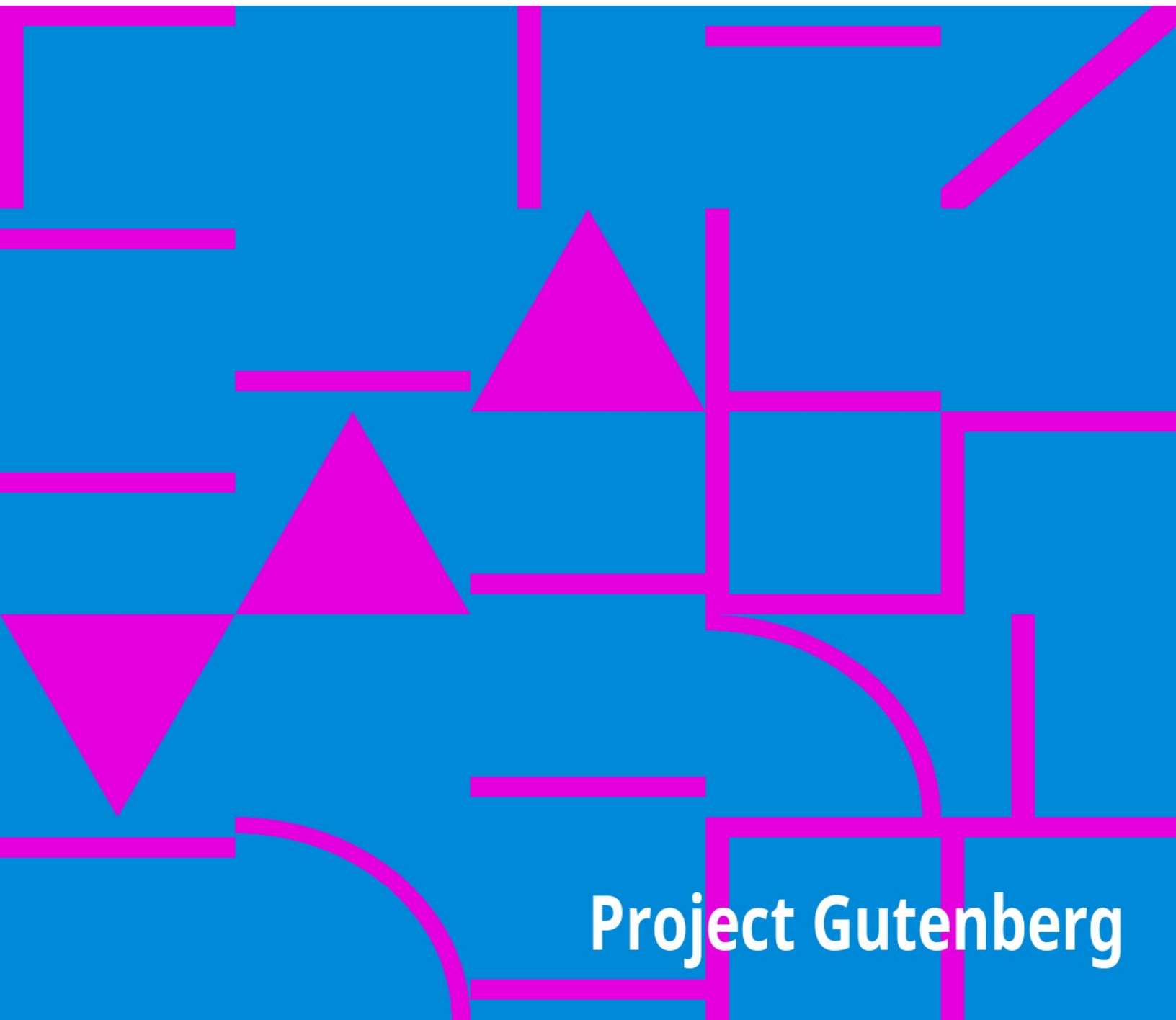


O General Carlos Ribeiro

Camilo Castelo Branco



Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of O General Carlos Ribeiro

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: O General Carlos Ribeiro

Author: Camilo Castelo Branco

Release date: June 19, 2008 [eBook #25846]

Most recently updated: January 3, 2021

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O GENERAL CARLOS RIBEIRO ***

O GENERAL CARLOS RIBEIRO

(RECORDAÇÕES DA MOCIDADE)

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
DE
EDUARDO DA COSTA SANTOS—EDITOR
MDCCCLXXXIV

O GENERAL CARLOS RIBEIRO

A propriedade da primeira edição d'este livro pertence, no imperio do Brasil, aos srs. Faro & Lino, proprietarios da Livraria Contemporanea, moradores na rua do Ouvidor n.º 74—Rio de Janeiro.

O GENERAL CARLOS RIBEIRO

(RECORDAÇÕES DA MOCIDADE)

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO
LIVRARIA CIVILISAÇÃO
DE
EDUARDO DA COSTA SANTOS—EDITOR
MDCCCLXXXIV

AO VISCONDE DE BENALCANFOR

Meu querido Ricardo Guimarães.

Recebe a dedicatoria d'este folheto como um cartão de despedida. Vou-me embora.

Naturalmente, escreverás dez linhas sinceras da minha necrologia. Dize que fui teu amigo trinta e seis annos; e que, á medida que eu ia lendo as tuas prosas progressivas e remoçadas, nunca pude imaginar que tivesses envelhecido.

Folgo de te não vêr ha muito tempo. Imagino que te deixo rapaz engrinaldando os festoens das tuas primaveras de ha trinta e seis annos para os offereceres aos nossos 50:000 leitores—um rico auditorio! Continua tu a ministrar-lhes os teus cabazes de flores, visto que, por impedimentos especiaes de regimen e outros estorvos complicados de engrenagens financeiras, não podes deitar-lhes perolas.

Adeus, Ricardo. A Chimica subterranea espera a minha alma. Vou mineralisar-me. Levo apenas, como saudade, uma flecha de luz reflexa do nosso passado, que me não deixa ir contente ao meu destino de azote, amoniaco e outros gazes. É a nostalgia dos teus e dos meus folhetins de 1854. A proscripta ignominia do carroção do Torto—aquelle toiro de Phalaris, puxado a vaccas—que então esbatemos para a treva medieval, em outro paiz dar-nos-ia a

celebridade immorredoura de Guesto Ansur, o salvador authentico das cem donzellas lusitanas tributadas ás prezas obscenas do khalifa. Tambem nós, visconde, salvamos centenas de donzellas portuenses das orgias do execravel defuncto «Manoel José d'Oliveira»—aquelle Mauregato coiraçado, com espaduas alcatroadas, musculatura de um lenho rijo e inflexo como os braços da forca, e articulaçoens de cobre azinhavado, onde eram contundidas as carnes virginaes. Se não fomos nós, quem foi que remiu das contusões e d'aquelle fôro ignobil as meninas portuenses, actualmente allodiaes e intactas, salvo seja, nos seus quadris e nas suas espaduas? Pois tens acaso noticia de que o Oliveira Martins, no seu livro sociologico das «Raças humanas e civilização primitiva», nos encadeasse nos elos do transformismo evolutivo do carroção em carro Ripert? Sabes que elle consagrasse um capitulo áquelle dolmen de castanho—a ara celta do sanguinario Irminsulf dos nossos ferocissimos avós? Nem uma palavra! «Isto faz vontade de morrer!» como disse Alexandre Herculano, muito menos offendido dos ingratos.

Emfim, Ricardo, esta carta, sobre ser uma confirmação, quasi posthuma, de fidelidade no affecto a um dos meus mais velhos amigos, deve ser-te não menos agradavel como exemplo consolador de que as vidas mortificadas tem uma compensação—é acabarem com um sorriso. N'este paiz, os bastardos da Fortuna prostituta, se fizeram exame de instrucção primaria, devem morrer com a serenidade de sabios. D'antes, havia a immortalidade da alma e as recompensas eternas como esteio a infelizes sub-lunares. Hoje em dia, aquelles dogmas, especie de caput mortuum, não amparam muita gente; mas ha coisa melhor: é a escola primaria que levanta o discipulo ao nivel da felicidade do professor a tres tostões por dia com dez mezes de atraso. Depois, morre-se de uma anazarca de philosophia com uma ligeira complicação de fome. Assim se explica o grande furor da instrucção nacional que tu, com uma seriedade estranha aos nossos habitos, inspeccionas observantissimamente.

Vai, fiscalisa, evangelisa. Dilata, quanto em ti couber, as celullas conscientes dos hemispherios cerebraes do Alemtejo e Algarve. Dá-lhes um elasterio grande, expansivo, na razão inversa das retracçoens da mucosa do estomago, á qual não chega a tua alçada tonica. Lembra eruditamente aos pedagogos que ninguem se exalça ás glorias do Thabor sem ser arrastado pela Rua da Amargura. Dize-lhes, afinal, que a posteridade, mediante as suas confrarias e os seus dobres a finados, lhes dará brindes de missas geraes em dia de Fieis Defunctos—muito distinctos dos defunctos infieis. E, pelo que me diz respeito, recommenda-me tambem aos suffragios pios da Patria—esta querida mãe interessante, incapaz de tirar de difficuldades um filho vivo: mas, depois, tira-lhe a alma do purgatorio, sendo preciso.

T. C.—S. Miguel de Seide. 6 de dezembro de 1883.

C. Castello Branco.

Gabriel de Mortillet, professor de Anthropologia, publicou, n'este corrente anno (1883), o seu livro *Le préhistorique antiquité de l'homme*. Em mais de uma pagina o sabio professor menciona respeitosaente Carlos Ribeiro, o geologo portuguez, que tão brilhantemente fez as honras da casa lusitana aos congressistas estrangeiros que estiveram aqui a discutir assumptos de anthropologia e archeologia prehistorica.

O general Carlos Ribeiro falleceu em 13 de novembro de 1882. A satisfação de se vêr tão culminantemente inaltecido no livro europeu de Mortillet não a gosou; e pena foi, porque seria essa a mais

idealmente querida das suas recompensas. Bem sabem que os premios, os galardões substanciaes que n'este *reinosinho de 90 leguas*, como lhe chamava Garrett, auferem os sabios do quilate de Carlos Ribeiro são por tal modo notorios e fallados que a gente, pelo commum, apenas tem noticia dos taes sabios quando lhes vê o retrato posthumo no *Occidente*.

Estes homens trabalham em segredo como os alchimistas. Na Academia Real das Sciencias conversa-se, uma vez por outra, a respeito d'elles, com uma grande admiração do tamanho dos bocejos. Para os socios velhos a anthropologia apenas tem a caracteristica academica de ser palavra grega, e como tal a reverenceiam; mas ha d'elles que professam, muito pela rama, o *quantum satis* d'umas sciencias abstruzas que assentam os seus laboratorios para além das fronteiras da historia. É inexacto, porém, que o insigne academico discursasse monologos paleontologicos diante dos seus confrades pouco porosos e assás impermeaveis ás infiltrações da sciencia nova. Não. Elle tinha socios no martyrio—o Ferreira Lapa, o Thomaz de Carvalho, o Bocage, o Latino Coelho, o Corvo, o Aguiar, os quaes, se não encontraram, como Carlos Ribeiro, vestigios de um ser intelligente nas camadas terciarias, seriam muito capazes de o achar, se o procurassem, o *Anthropopithecus*.

Não se cuide que eu, com o selvagismo de um minhoto sem litteratura, pretendo molestar os hereditarios joanêtes da Academia. Nego. Os meus joanêtes de socio correspondente acham-se tambem compromettidos. Considero a Academia Real uma arca da sapiencia humanal, de reserva para a catastrophe de um diluvio de ignorancias eminentes. Respeito-a como um banco das nossas riquezas espirituaes, banco sem transacções, com accionistas todos de prenda, dando-se ares de estar sempre em liquidação; mas não liquida. Se não vive muito ao sol ardente que refunde o velho mundo, tem a vitalidade sombria do obituario. Quando um socio vae continuar na vida eterna o somno das suas sessoens, os confrades vivos gemem-lhe o elogio funebre, uma *Nenia* em periodos redondos, *ore rotundo*, na prosa da fundação do estabelecimento;

em seguida, recolhem-se a brunir velhos adjectivos e a escovar algumas metaphoras de fivellas e rabicho, para a necrologia de um futuro confrade morto. De resto, muito mais modestos que justos juizes dos seus productos, os academicos, quanto ao estipendio das suas lucubraçoens, são mais abstemios que os anachoretas da Thebaida, e fazem livros mais em conta do que Santo Antão e S. Pacomio faziam balaaios. Elles desdenham briosamente a cubiça gananciosa dos quarenta immortaes assalariados da Academia franceza; mas prelibam com delicias a justiça posthuma, o galardão do elogio funebre—esta rica moeda portugueza incorruptivel em que não entra a liga do oiro vil.

Tornando ao *Anthropopithecus*. Toda a gente sabe o que é, na Prehistorica, o *Anthropopithecus*; mas eu não me dispenso de fallar d'este sujeito que nos precedeu ha 240:000 annos, pouco mais ou menos. Supponho que não serei desagradavel ás Senhoras menos lidas em anthropologia, para as quaes os vocabulos *pliocene* e *miocene*, o *mammifero primata*, o *prognatismo* são as jaças do limpido diamante da sua erudição.

Mortillet, com bastante logica e com lucidissima observação mais convincente que a logica, affirma que o homem quartenario primitivo era algum tanto differente do homem actual. O craneo do nosso antepassado das cavernas differe consideravelmente do craneo do leitor. O illustre professor de anthropologia é, portanto, obrigado a concluir que os animaes intelligentes que petiscavam lume e lascavam pedras na época terciaria não eram homens na accepção geologica e paleontologica da palavra; mas sim animaes de outro genero, *precursores do homem*, na escala dos seres. A este precursor, intermedio ao anthropoide conhecido e ao homem actual, chamou Mortillet um *Anthropopithecus*. Claro é que a especie humana conhece o avô, o *anthropoide*; mas não conhece o pai. Orfan e posthuma, a desgraçada!

Carlos Ribeiro havia descoberto nas margens do Tejo o silex lascado em terrenos terciarios e quartenarios, accusando um trabalho intencional e intelligente no animal precursor do homem. No

Congresso Internacional de Bruxelles (1872), duvidaram, mórmente o douto Bourgeois, que nos exemplares expostos por Carlos Ribeiro houvesse trabalhos intencionaes que provassem a existencia de um individuo capaz de petiscar lume e lascar pedras na época terciaria. A favor do sabio portuguez apenas se insurgiu a opinião auctorisada de mr. Franks.

Na exposição internacional de Paris (1878) o nosso geologo apresentou os exemplares, entre os quaes Mortillet apartou 22 com vestigios irrefutaveis de trabalho intelligente. Cartailhac abundou no parecer do seu collega e de outros especialistas.

Afinal, Carlos Ribeiro triumphou desassombradamente quando os congressistas na obra de Monte-Redondo, em Ota, confirmaram em novos exemplares a sua opinião refutada em Bruxelles. Desde então, nos annaes da anthropologia e prehistoria foi assignalada como irrefutavel a existencia do *Anthropopithecus* em Portugal. Era o terceiro. Bourgeois tinha explorado um em Thenay. Em honra do inventor, esse vestigio do animal intelligente anterior ao homem chamou-se *Anthropopithecus Bourgeoisii*. Mr. Rames achára o segundo em Cantal, o qual foi chamado *Anthropopithecus Ramesii*. O de Portugal, descoberto por Carlos Ribeiro, recebeu o glorioso nome *Anthropopithecus Ribeiroii*.¹

Uma observação caturra ao sabio Mortillet: Este genitivo alatinado e ligeiramente macarronico, *Ribeiroii*, parece pertencer tambem á época terciaria, á prehistorica da lingua de Plinio, o moço. *Ribeiroii* em genitivo indica o nominativo *Ribeiroius*. O extremado anthropologista devera ter escripto *Anthropopithecus Riberii*, ou, mais euphonico, *Ribeirensis*. Espero e ousa pedir aos futuros congressistas que adoptem esta errata, afim de que o nome glorioso do nosso concidadão não vá latinamente deturpado pelas edades fóra.

Posto isto, a leitora naturalmente deseja saber que figura tinha o *Anthropopithecus*. Os sabios não satisfazem cabalmente a curiosidade de sua excellencia. Calculam apenas que elle era muito

mais pequeno que o homem, attendendo á pequenez das pedras que lascava para seu uso; mas, a respeito do animal portuguez, a julgar pelo tamanho dos silex, presume-se que elle anatomicamente fosse mais encorpado que os outros. Isto é concludentissimo e consolativo, minhas senhoras. Mr. Abel Hovelacque, outro sabio, presume que aquelle nosso pai pequeno seria do tamanho dos actuaes macacos maiores.² Na verdade, os srs. bispo de Coimbra, conselheiro Nazareth e varios tambores-mores accentuam e affirmam a procedencia d'aquelle patriarcha mais avantajado no tamanho.

Bastará de sciencia? Mas o que não posso, minha senhora, é esquivar-me ao desaire de proceder de macaco. Não lhe assevero que seja de chimpanzé, de gorilha, de orango. A minha esvelta leitora é o typo aperfeiçoado de todas estas familias. Segundo o genealogico Haeckel, vossa excellencia promana de um pitheco, derivado de um lemur, producto de um kanguru. É a primeira vertebrada, e não direi primeira «mammifera» para evitar equívocos. Em todo caso, exquisita arvore de geração, na verdade; mas, se a minha delicadeza se dóe, sciencia obriga; porque, emfim, este folheto é uma obra de vulgarisação, *à la portée des gens du monde*. Pertendo ser mais util que agradável ás senhoras modernamente orientadas, as quaes, entre os flagícios acusticos dos seus pianos e o moinho estupidamente burguez das suas maquinas de costura, abrem um parenthesis á discreta biologia.

E tenham muita fé, minhas senhoras; *porque as sciencias de observação*, diz Letourneau na *Biologia* mais avançada, *exigem primeiramente de quem as quer cultivar um acto de fé*. Acto de fé! Tambem a sciencia positiva reclama a sua *virtude theologal*. Pelos modos, é precisa tanta fé para acreditar no Jehovah de Moisés e no Messias de S. João Evangelista, como no «Panteismo» de Espinosa, na «Vontade» de Schopenhauer, e no «Inconsciente» de Von Hartmann. Por tanto, façam suas excellencias um acto de fé como biologas, e outro acto de caridade como catholicas, prestando-me a sua benevola attenção.

*

Carlos Ribeiro não andou toda a vida, como Boucher de Perthes, a esgaravatar nas camadas do globo a certidão de idade do homem. Também elle borboleteou á flôr da terra, com as azas polvilhadas dos matizes da alegria juvenil, os seus devaneios.

Entre os 15 e 16 annos, fingia eu que estudava chimica na Polytechnica do Porto. Carlos Ribeiro, n'aquelle anno, 1844, já tenente, com 30 annos de idade, completava mathematicas com sinceridade e aproveitamento. Era de estatura mediana, refeito, de espaldas fortes, rosto redondo, purpurino, com um pequeno bigode cortado na commissura dos labios muito nacarinos. Grave nas fallas, muito delicado em conselhos e attençaens com os cabulas; e sympathisava com a minha modesta ignorancia que elle, confessando a actividade funcional do meu cerebro, ingenuamente attribuia a eu não possuir compendio de chimica,—uma coisa bastante necessaria a quem se matricula. Era o *Lassaigne*—parece-me ser este o nome do sabio naturalista, que alguns condiscipulos generosos me emprestavam á porta da Academia, quando se avistava o lente, um ex-frade, Santa Clara, contemporaneo de Orfila, Berzelius e Liebig. Por que mãos sagradas andava então a chimica portugueza!

Aproveito a occasião para agradecer aos que ainda vivem, se algum vive, a gentileza do seu emprestimo, para que eu, em honra do frade, sahisse crystallinamente e triumphantemente do meu acto de chimica sem a macula de um R.

Já divulguei em um livro este caso á Europa culta.

*

Agora, vou contar outro caso mais trovadorêsko—um episodio da vida amorosa do defuncto anthropologista, o general Carlos Ribeiro.

Por aquelle tempo, uma senhora esmeradamente educada no gosto da época, e com uma grande distincção de formosura, abandonára em Lisboa o esposo, e refugiára-se no Porto com um seductor de condição baixa e bens de fortuna parallellos. Este casal anticanonico habitava uma casinhola barata na rua da Sovella, paredes-meias do quarto escolastico de Carlos Ribeiro. O tenente, quando regressava da aula, via na janella de peitoril, uma vez por outra, a sua mysteriosa e lepida visinha encaral-o com uma fixidez perturbadora como um envoltorio de fluidos galvanicos.

Certa estanqueira estabelecida na loja da casa onde se aninharam aquelles amores clandestinos, informou-o da má vida intima dos adventicios. Havia desavenças todas as noites, gritaria, choradeira, e ás vezes repelloens reciprocos, a ponto d'ella cahir no sobrado. D'estas altercaçoens nocturnas, a informadora podéra liquidar que o homem se chamava *Bramão*, ella *Gloria*, e que tinha marido na capital. Entre os epithetos que elle lhe desfechava, o mais accentuado e repetido era *bebeda*, *grandissima bebida*; e a estanqueira justificava a qualificação, contando que a menina Gloria, assim que o Bramão sahia, mandava ao armazem da Companhia fronteiro duas garrafas vacias que se trocavam por garrafas lacradas de 800 reis.—Acho que se emborracham ambos de dois!—conjecturava a mulher dos tabacos, offerecendo a sua opinião indecisa ao reflexivo freguez dos cigarros.

Uma noite, foi tamanha a gritaria, que a patrulha bateu á porta da estanqueira perguntando que gritos eram aquelles no primeiro andar. A mulher, na sua impaciencia de estreitada, respondeu azedamente que era uma creatura com a sua pinga; que fossem os soldados á sua vida, porque não havia remedio a dar-lhe á carraspana senão cozel-a; e que cada qual em sua casa podia embebedar-se como quizesse e quando quizesse. Se percebiam? perguntava colerica. E a patrulha: que sim, que a cozesse ella e mais a visinha. E a estanqueira:—Malandros!

Eram então triviaes no Porto estas scenas do Baixo-Imperio, dialogadas entre o pequeno commercio e os pretorianos municipaes—os *janizaros* do Costa Cabral. N'aquelle tempo, tudo que era tropa chamava-se *pretorianos* e *janizaros*—uns pobres diabos a 30 reis por dia e rancho de couve gallega com feijão fradinho. Depois é que expluiu o caceteiro, pago pelos edis, a 480 reis diarios, e mais, consoante a pressão exercida nos ossos parietaes do *patulea*.

O tenente estava á janella a escutar o alarido, sentia uma compaixão infinita por aquella formosa senhora; e scismava se a embriaguez seria refugio de grandes tribulaçoens n'aquelle alma que se atirava a um charco de vinho para apagar a luz do intendimento e da memoria—perturbar a vida afflictiva da consciencia escorreita.

Na manhan seguinte a esta noite tempestuosa, Bramão sahiu e não voltou mais.

A estanqueira soube d'ahi a dias da criada de Gloria que a sua ama tinha vendido a unica pulseira, porque o pelintra do patrão lhe não deixára vintém; e ajuntou que ella pouco mais tinha que vender, a não ser os vestidinhos, porque já tinha derretido as joias para sustentar o vicio do amante, que era jogador e perdia sempre.

A criada, aquecida pelo atríto das revelaçöens, confessou que sua ama tomava a piella todas as tardes, quando a não apanhava tambem todas as manhans, bemdito seja o Senhor! Que o patrão vinha de fóra levado de todos os diabos, e entrava ás testilhas com ella, palavra puxa palavra, e iam ás do cabo, pancada de criar bicho, e batiam de meias. A senhora, coitadinha, antes de se emborrachar, chorava lagrimas como punhos, a contar-lhe a sua vida. Que era filha de gente grande, e casára, contra vontade sua, com um almofariz da casa real. A estanqueira não comprehendia o casamento com o almofariz. Carlos Ribeiro emendou para *almoxarife*, explicando o officio com a sua costumada bondade illustradora.

Como quer que fosse, a infeliz senhora embriagava-se depois que chorava lucidamente. Era isso mesmo o que o tenente havia conjecturado com a sua romantica intuição de 1844.

Da piedade não é trivial a passagem para o amor; mas, se á commoção do amor precede a do compadecimento, o caso de Carlos Ribeiro é vulgar. Escreveu o meu amigo a D. Gloria offerecendo-lhe os seus serviços desinteresseiros n'uma terra em que sua excellencia era hospeda, e não tinha talvez relações. A vizinha respondeu-lhe com uma caligraphia ingleza, e uma grammatica impenetravel á unha da critica mais meticulosa. Em meio da sua prosa florida, alinhava-se o alexandrino de Victor Hugo:

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe...

O mathematico ficou mais deslumbrado com a contextura da carta do que ficaria trinta annos depois quando achou em Ota a garantia da sua immortalidade como homem de sciencia—o *Anthropopithecus*.

A correspondencia travou-se em phrases recheadas de versos de Hugo e Lamartine, até que o tenente entrou sósinho, sem os poetas auxiliares, e sómente com a sua prosa commovida, na alcova da vizinha. Era uma alcova sem pretenções bysantinas, nem cosmeticos caros; apenas algum *Patchouli* nacional, e agua de Colonia, em parodia, fabricada por um pseudo Farina, e muito almiscar, perfumaria dos gynecus infestos á Moral, perdição dos caixeiros de risca ao meio, e grandes absorventes de licor de Rosa e de Van Switen. Era, em summa, a alcova atrapalhada de uma *touriste* que vai vagamundeando a sua vida escoteiramente, sem reparar se ha estofos, estatuetas, bronzes e Sevres e pavilhão de ondulações setinosas, com lampejos crús de metaes esmaltados, no leito das reles estalagens onde pernoita.

Elle sentiu na ante-camara o fartum acidulado da baga alcoolisada dos vinhos crassos da Companhia: era o perfume de

uma adega do Roncão. Foi uma nuvem de máos presagios no azul da sua felicidade aquelle cheiro.

Entravam a dialogar na temperatura madrigalesca do ultimo romance de Arlincourt, quando ella mandou servir vinho do Porto de oito tostoens com pasteis de Santa Clara e *queques* da Palaia. O hospede sacrificou-se cortezmente a algumas libações, pequenos goles intercalados de perguntas e respostas, deixando o calice opalino em meio. Ella, entretanto, n'uma exaltação theatral, defendia a these do adulterio, com reminiscencias peoradas da *Lelia* de George Sand; e, como inconsciamente, na abstracção entusiasta dos largos gestos, ia engatando uns calices nos outros, em rapida viagem para a região do Falstaff e da Maria Parda de Gil Vicente. Parecia mesmo uma actriz franceza *des Variétés*, com uma forte diáthese de bambochata, que viesse de cear no Café Tortoni com *champagne frappé*, na roda reinadia de Roger de Bauvoir e Roqueplan. Carlos, quando a viu em afinação mais que suspeita, sentiu borbulhar-lhe o pranto da ingenuidade; porque ella, carminada pela ebulição do sangue, esbandalhada, e escandecida pelo que havia sincero e logico na sua declamação, relampejava uns claroens electricos que pegariam fogo em carne menos combustivel que a do artilheiro; porém, a elle, faziam-no chorar as lagrimas entranhadas que os olhos téem pejo de mostrar, e, reprezadas na alma, chegam a cegal-a como um collyrio de acido sulphurico concentrado. Figura-se-me que estou a escrever isto em 1844! Que imagens! que botica!

E a dama, n'uma absorpção de visitada pelo *ecce Deus*, com o iris acceso e a pupilla retrahida pela atropina da Companhia, não despegava do fio das ideias, torrencialmente. Tregeitos exquisitos e sacudidos da escola melo-dramatica de Emile Doux. Fazia vibrações gloticas, cavas, gutturaes de quem recita threnos. Arredondava phrases repolhudas, pomposas, de dramalhão, respigadas nos *Dous Renegados* e no *Captivo de Fez*. Por baixo do vinho já estava o absintho do odio ao pai que a violentára a cazar-se; mas a losna não lhe calcinava os nervos sem a combustão inflammatoria dos extra-finos, muito sêccos, do Alto-Douro.

Acidulada sob a influencia das suas virginaes reminiscencias de menina e môça, etherisava-se. Ora, é regra corrente que o alcool, submettido aos acidos, transforma-se em ether. Insignes pharmaceuticos o asseveram. Todas as commoçoens internas são chimica. Isto, que d'antes se chamava alma, é uma retorta de cristal da Bohemia em uns sujeitos, e de barro de Estremoz em outros sujeitos. O grito das paixoens que desfibram e matam é o estampido da retorta que rebenta. Agora, a differença: se a retorta é de crystal, os estilhaços, embora embaciados de lagrimas, tem ainda rutilaçõens que encantam a Arte. E, se a retorta é de barro, os cacos abeberados nas lagrimas repellem a vista porque parecem lôdo. Edgard Pöe, Alfred de Musset e Baudelaire, envenenados pelo alcool, são hostias immoladas a um meio social responsavel—são retortas de crystal feitas pedaços pela paixão. O Sena cospe ás margens, cada mez, dezenas de suicidas que apenas tem vinte e quatro horas de nojosa exposição na Morgue. São os cacos da retorta de barro dissolvidos em lama.

Quanto a Gloria, para ser uma consummada tragica na voz e no gesto, bastara-lhe uma regra que não se acha bastante inculcada nas prelecçoens do Conservatorio Real das Artes scenicas, isto é: carregar-lhe no copo.

*

Ácerca d'este elixir vitalisador das citadas Artes scenicas—necessidade physiologica (o copo, intenda-se, e não as *Artes*) do sangue luzitano de origem celtibera—não sei quaes sejam as cogitaçoens actuaes do meu Luiz Augusto Palmeirim, egregio director do Conservatorio Real. Cumpre-lhe, todavia, estar precavido contra as anemias e opilaçoens (opilaçoens, no sentido casto de *chloroses*) d'aquelle aviario de roussinoes e outros passaros que regorgeiam em perpetuo abril, estofando os seus ninhos com o pollen das flores.—*Pollen das flores*, notem a figura que é rara n'estes tempos hostis á rhetorica. Ora pois. Que aquelle seminario das Artes scenicas borborinhe sonoro de interjeiçoens tremicullosas como calefrios, arranques tragicos, morbidez de

bemóes e sustentidos; e que, depois de um purgatorio de rabecas e pianos,—supplicio indispensavel—rutillem, ao diante, pelas trapeiras das aguas-furtadas do Bairro-alto as constellaçoens sidereas das Sarah, das Nilson, das Patti, dos Rubeinstein, n'este paiz de *Manoel Mendes Enchundia*, da *Canna-verde*, do *Passarinho trigueiro* e do *Fado choradinho*. Notem que o dr. Letourneau escreve que uma ponta de vinolencia é a poesia da digestão³; e tambem affirma que onde quer que se usa a bebedeira, existe uma litteratura bachante (pag. 45). A regra em Portugal falha praticamente. Temos a bebedeira sem a litteratura, talvez por falta de editores pouco serios.

*

D. Gloria, não obstante, seria ridicula hoje em dia que a sciencia glacial esfriou a admiração pelas mulheres de talento menos methodico, desvairado por exorbitancias Vadias.

N'aquelle tempo as senhoras que recendiam essencias de macassar, e tinham sido iniciadas nas assembleias pelos parlapatoens da Restauração, eram assim. Reinavam os *parvenus*, uns devassos brancos, algum tanto desbastados pelo esmeril da emigração, ou sahidos das cadeias com uma grande fome de mundo, de diabo e de carne, os trez amigos figadaes do corpo, como explica methaphysicamente a *Cartilha da doutrina* para uso dos collegios de meninas. Elles tinham as fossas nazaes virgens do nitro das granadas do Porto; mas eram destemidos fundibularios de patacos regeitados á sege do sacrificado duque de Bragança que lhes dera patria sem os inconvenientes da forza, e dilacerára o coração nos sobresaltos das batalhas. Eram os bagageiros do espolio opimo com todos os caracteres ethnicos da siganagem portugueza. Compravam conventos com titulos azues e rebatiam a 17 p. c. os arriscados e sacratissimos emprestimos aos *Regeneradores* de 20 e aos *pallikares* empennachados da *Belfastada*.

Os *parvenus* inculcavam como norma da perfeição feminil a *Corinna* de madama de Stäel, a mesma madama em pessoa a fazer

aos psychologos philosophias, e coisas mais praticas a Benjamin Constant, como a Récamier ao velho lubrico que fazia, da sua parte, o *Genio do Christianismo*. Todas e todos muito devassos e eloquentes, boas e bons para começarem os seus romancinhos ao fogão e concluil-os nas alcôvas. Foi este o ideal da mulher que os emigrados trouxeram dos *boulevards* e dos hoteis *garnis* a 2 fr. e 50 cent., com uma de-mão do verniz de Mabilie.

Lia-se então copiosamente a obra emocional de Paul de Kock; e os hierophantas do reino restaurado folheavam com mão diurna e nocturna a *Republica* de Platão, onde o grande legislador, em pleno luxo de policiamento hellenico, preceituava que as mulheres passassem de mão em mão. (Livro V.) Esfervilhavam por isso as Xantipas com que os Socrates altruistas obsequiavam os Alcibiades, e floreciam as Marcias que os virtuosos maridos Catoens emprestavam aos Hortensios. Assim como nas lojas maçonicas muitos dos triumphadores de 34—um grupo sahido da barbaria da idade-media—se chamavam *Catoens* e *Socrates*, por igual theor, no sanctuario da familia, usavam os mesmos habitos greco-romanos. Foi por isso que, em 37, o apocalyptico autor da *Voz do Propheta* denominou Lisboa uma *caverna de vicios e desenfreamentos*.

Uma franceza, amante varia de varios francezes, mad. Pauline de Flaugergues, dava o tom em Lisboa, por esse tempo, em versos e frescor de cutis polvilhada de bysmutho. Rodeavam-na os areopagitas do plectro e da syntaxe, a mestrança da versejadura—Castilho, Garrett e os outros da constellação. Esta bohemia trovista foi dada como typo de mulher emancipada pelo talento. Teve ovaçoens das lyras primaciaes. Damas da côrte, creadas em novenas e lausperennes, atiraram as camaldulas ás ortigas e pegaram de fazer muitos gallicismos grammaticaes e pessoaes. Viveu-se uma rasgada bacchanal á franceza, em que tomaram o seu quinhão *pro rata* as mulheres dos marquezes, as filhas dos algibebes e as esposas dos ex-almoxarifes. É como foi. A D. Gloria era um fructo bichoso, sorvado, de arvore que não sevou a raiz em terreno alheio mal adubado. Era cedo ainda. Ás portuguezas faltavalhes o *savoir-vivre*, para se aguentarem corrompidas e elegantes.

Jam novus rerum nascitur ordo. Isto hoje está melhor—está como deve ser. A mulher cae; mas sabe cahir n'este palco; e não podia ser assim ha quarenta annos. *Go ahead!*

O certo é que aquella dama foi a primeira paixão de Carlos—a primeira que é tão forte e pouco menos tola que a setima e a vigesima nona.

*

Trez mezes volvidos, Ribeiro tinha perdido a alegria, o affecto ao trabalho, a convicção da sua immaculada probidade, e já luctava com as duras hostilidades da pobreza. Quanto a Gloria, cada dia mais formosa, mais fascinadora e mais crapulosa. Elle chegou a pedir-lhe em joelhos e de mãos erguidas que se abstinésse de beber tão destemperadamente; e ella, no lucido uso das suas faculdades dirigentes, respondeu que não podia,—que o embriagar-se era o seu suave e doce suicidio, porque queria morrer.

Carlos obtivera informações de Lisboa. O pai de Gloria ainda vivia. Era um bom proprietario rural na comarca de Torres Vedras, tinha sido criado particular do snr. D. João VI, cazára com uma retreta da snr.^a D. Carlota Joaquina, e tinha o habito de Christo. O marido era mentecapto e velho. Perdera a rasão com a queda do snr. D. Miguel e do seu almoxarifado no Alfeite. Quanto a Bramão, um industrioso, vivia de apostas ao bilhar no Marrare das 7 portas e era casado com uma peccadora acirrante, uma trigueira de bigode que se desforrava usurariamente das perfidias do marido, sendo perfida para todos os amantes.

Meditava Carlos em commiserar o velho cavalleiro de Christo, na esperança de regenerar a dignidade de Gloria com a convivencia do pai venerando e das irmans honestas. O velho respondera a quem lhe pediu compaixão para a filha que a julgava morta, e morta devia estar para elle; mas que não a repulsaria do seu talher, porque a

desgraçada tinha a seu favor como desculpa o haver casado constrangida.

Quando o tenente, triste pela deixar e alegre por salvá-la, lhe communicou a resposta do pai, ella improperou-lhe a covardia de a não desenganar, se estava farto de aturá-la, e reprovou a missão caritativa de a reconciliar com a familia, não tendo procuração para isso. Depois, trocaram-se palavras desabridas.

*

No dia seguinte, D. Gloria deixou a casinha da rua da Sovella e foi para o Bom Jesus do Monte com um dos leões d'aquelle tempo em que a cidade da Virgem parecia ser da Venus Callipygia—uma leoneira da Hircania, onde as epidermes roliças das donzellas de Cedofeita e as ostras da Aguia d'Ouro eram o pastío nocturno d'aquelles dragoens, producto da concubinagem do romantico burro de Buridan com a classica burra de Balaão. D'esta progenie, que herdára da mãe o dom da palavra, e do pai um amor menos indeciso ás duas maquinas, evoluciou-se o *crevé*, o estoiradinho, um phenomeno embryologico, que encaracola *bellezas* na testa exigua de microcephalo, incalamistra o bigode, e tem do D. Juan de Marañá simplesmente a guitarra com que perverte familias espanholas vigiadas pela policia medica. De resto e *au fond*, os estoiradinhos são grupos de moleculas, aggregaçoes granulosas, saturadas de marisco, de cerveja barata da Baviera e nicotina, justificando a formula excentrica e um tanto paradoxal de Bacon: o *vacuo de mistura com o solido*. Protegidos pela lei geral do atomismo, agitam-se no turbilhão universal da materia inconsciente: são «acazos da concorrência vital», como diria Darwin; mas não confundir *concorrência* com *selecção natural*; que a natureza é mais logica e demorada nos seus transformismos. Pela rapidez com que do *leão* pujante de 1840 se engendrou o *catita* escrophuloso de 1880, é claro que a *selecção* foi *artificial*, estabelhoadamente, grande celeridade. A este respeito, os curiosos orientem-se em Topinard, L'ANTROPOLOGIE, *passim*. Cumpre notar que, no arranjo organico do estoiradinho, collaboram 65 elementos conhecidos, diz

a Sciencia. 65! que prodigalidade! A não ser a Sciencia, quem diria que a Natureza para construir um cretino gastou quasi cinco duzias e meia de elementos—os mesmos que despendeu para fazer o mar, o espaço, o mundo sideral, os cyprestaes balsamicos do Libano e os fedores humanos da Baixa; o Caneiro de Alcantara onde os microbios fazem as suas regatas recreativamente, e o Amazonas, a banheira do sol, espraiaando-se em escamas refulgentes; o Garrett que faiscava, como um cerebro de diamantes facetados, as *Viagens na minha terra*, e o cerebro do outro Garrett que supurava, como um tumor apostemado, as *Viagens a Leixões*! Com as ultimas palavras da biologia é que a Sciencia regeita o dogma da alma, e nos convence de que o estoiradinho, pelo que respeita á porção cinzenta do cerebro, deixa de ser o rei da criação para retroceder, por atavismo e sem hyperbole, á familia dos vibrioens, um quasi infusorio, e pouco mais que proto-organismo, irresponsavel pelos seus flagrantos delictos de brutalidade.

Em obsequio a estes irresponsaveis é que o bispo sr. D. Antonio Ayres de Gouvêa tanto e valorosamente impugnou a pena de morte. Todavia, o seu victorioso repto á forca, mallogrado em Beccaria, em Lamartine e V. Hugo, seria socialmente mais completo, se s. ex.^a tambem conseguisse que, em vez do *menu* pouco peitoral da strychnina municipalense, se servissem *côtelettes de veau sauté aux truffes* aos magros cães vadios, inoffensivos na sua fome e na sua sêde. *Struggle for life*. Sei essa trivialidade erudita; mas a luta pela existencia não authorisa que os vereadores sejam carrascos dos cães, em quanto o equilibrio dos negocios publicos e o pagamento em dia dos 6 por cento das inscrições lhes permittir comerem o boi. Ora—digamol-o de passagem—o boi era um Deus entre os egypcios, o divino Apis, e entre nós é o manso e pingue holocausto de uma bestialidade carnivora; porque nós, os europeus, comemos os Deuses alheios em bifes, e os proprios em hostias. Sacrilega pouca-vergonha!

Voltando ao drama e ás palpações do leitor por um pouco suspensas, a estanqueira contou depois que, enquanto o tenente estava na mathematica fazendo garatujas na lousa, um esbelto rapaz, todo de preto, com um cacetete, pantalonas á *hussard*, fazia tilintar o tinido das suas esporas amarellas no pavimento de D. Gloria. Trabalhosa e fragil senhora!

*

Eu morava na rua Escura, no bairro mais pobre e lamacento do Porto, um bêcco fetido de coirama surrada, em uma esquina que olha para a viella dos Pellámes. Eramos dois os estudantes que occupavamos o terceiro andar com uma retorcida varanda de páo, esmadrugada, n'um escalabro de incendio, debruçada em ameaças sobre os transeuntes como a varanda de Damocles, muito mais perigosa que a lendaria espada, cujo gume deve estar muito rombo e puido da esgrima dos eruditos em Damocles. No primeiro andar morava a proprietaria, uma adéla que nos cosinhava certas iguarias dignas de ser expostas ao sêvo das aves de rapina no peitoril d'aquella varanda. Quanto a ratos, era uma succursal de Montfaucon. O segundo andar tinha escriptos desde muito, e não havia homem desesperado, cançado da vida, que ousasse tentar o suicidio n'aquellas ruinas minacissimas. Quem procurava casa, olhava com terror, e seguia o seu caminho, como se ali morassem os leprosos de Xavier de Maistre.

Disse-me a patrôa, uma noite, alegremente, que tinha alugado o segundo andar por deseseis tostoens mensaes a uma creatura, que lhe parecia mulher de pouco mais ou menos; e acrescentou com uma sensata indulgencia: «Seja ella o diabo que for, o que eu quero é que me pague adiantado; senão, minha amiguinha, viella, viella!» e apontava para a rua com um gesto de braço e dedo perfurante como uma estocada.

Com effeito, a devoluta varanda do segundo andar, tão destroçada como a minha, aguardava uma Julieta adequada competentemente aos Romeus do terceiro.

A inquilina entrou e pagou.

Quando eu recolhia da chimica e subia ao meu terceiro andar fazendo gemer os degrãos, olhei curiosamente para a saleta do segundo, e conheci a Gloria da rua da Sovella. Estava muito acabada, olheiras fundas, os angulos faciaes descarnados, os beiços roixos, calcinados pela combustão dos licores. Na epiderme transparente já não lhe revia o rubor setineo do sangue colorante. Sobre as saliencias malares, manchas rubras que poderiam ser de vermelhão ordinario ou da febre ethica; os tegumentos pareciam emplastados por uma camada de velha cêra amarellada. As cordoveias do pescoço, muito esbagachado, com umas saliencias nodosas como cordão de S. Francisco.

Havia um anno que ella tinha deixado Carlos Ribeiro immerso em uma grande commiseração, disia elle; mas eu sabia que era maior a saudade que o dó.

Procurei o meu amigo que havia concluido o curso e entrára na fileira. Estava fóra do Porto em serviço. Melhor foi assim, porque a noticia que eu lhe levava poderia magoal-o ou fazêl-o descer até ao vilipendio de a visitar.

Ao fim de quinze dias, disse-me a patroa que a *Aurora*—nome de guerra que se dera D. Gloria—uma noite por outra, recolhia comsigo um engajado. Fallava sempre com figuras decentinhas a minha patrôa. «Engajado» era decente. Diziam então as senhoras nos bailes da Assembleia: «Já estou engajada para a terceira polka».

Quanto á natureza dos engajados, disse-me que eram velhos. Conhecêra o Rapozeira, um d'oculos, que tinha loja de batinas e galoens para esquifes, na rua Chan: outro, era amanuense da camara do bispo—ambos muito borrachoens. E promettia pôl-a no olho da rua, se ella continuasse a fazer-lhe troça, por noite velha, em cima da cabeça, dansando o Sarambeque.

O Sarambeque era da natureza bordelenga do *Hulalá*, um bailado dissoluto, priapêsko das Ilhas Hawai. Eu nunca pude ver a

assemblea da vizinha, nem o cavalheiro bestial ajoujado por tal dama ás suas *soirées* dansantes. Quem quer que fosse, dava, no repicado sapateio da sua furia endiabrada de selvagem de Ceylão, oscillaçoens de terramoto ao predio. Muitas vezes, reciei que, *verbi gratia*, desabada aquella casa filial das orgias de Sardanapalo, eu fosse o candido bode expiatorio sacrificado no entulho da derrocada ás iras dos deuses e da senhoria. Depois, noite alta, havia comedorias—um aziumado de azeite rancido e alhos, estrugidos emeticos, emanaçoens sulphydricas d'aquellas almas latrinarias. Lamento, já agora, não ter então colhido notas para hoje me inculcar um Petronio testemunhal e authentico d'essas ceias de Trimalcião com iscas de figado e o rascante de Cabeceiras de Basto.

*

Um dia, de madrugada, acordou-me um grande berreiro nas escadas. O meu companheiro, o bom Machado de Carção, um medico que morreu ha muitos annos, foi examinar de perto a desordem, e contou-me que um velhote apopletico, com ares de jarrêta provinciano, estava gritando que Aurora lhe roubara vinte e cinco pintos da algibeira do collête, depois de o ter embebedado com genebra.

O roubado sahira em berros para a rua, e os calcêtas, que trabalhavam no lagêdo arrastando os grilhoens, assobiaram-no. Aurora dava gritos de innocente contra a calumnia, e a proprietaria intimava-lhe ordem de despejo immediato. D'ahi a pouco, a ladra era preza pelo cabo de policia, conduzida á regedoria e de lá para o Aljube.

Fui para a chimica do eggresso e encontrei o tenente Ribeiro. Contei-lhe o caso que elle me ouviu com os olhos marejados. Depois, pediu-me que commettesse o delicto infando da vigesima quarta falta na aula, e o ajudasse a salvar, se possivel fosse, aquella enorme desgraçada, visto que elle não queria figurar pessoalmente. Mandou-me ao regedor; que soubesse onde estava o roubado, e lhe restituisse os 12\$000 reis para elle não ser parte á preza. Que lhe referisse eu a sinistra vida de Gloria para que elle, compadecido, a

não mandasse ao tribunal. E que, depois, fosse eu ao Aljube, e lhe dissesse que, se ella embarcasse no primeiro vapor para Lisboa a procurar o amparo de seu pai, havia quem lhe pagasse as despesas.

Fui ao Aljube ás 3 da tarde. Lá dentro era noite. Gloria estava innovelada a dormir sobre uma enxerga a um canto. Ella tinha sahido, quinze dias antes, de uma enfermaria do hospital de Santo Antonio, quando a sua visinha, mais feliz, era levada, ainda morna, em uma padiola para o theatro anatomico. A devassidão emparceirada com a morte mandaram aquelle esqualido presente ao escarpello da sciencia. Ah! quantas curvas de musculatura roidas pelo hydrargiro eu retalhei para hoje poder, como testemunha de vista, jurar que o coração é um musculo ôco!

No soalho em que dormia Gloria, parecia que tinha choviscado lama. A enxerga era de uma preza, cujo cão de agua, gordo e muito sujo, dormia aconchegado dos quadris da outra. A dona do cão tinha uma cara cheia de enygmas, acidentada de periosteos cariados, exfoliados, com barbas. Seria uma riqueza craneologica para um Haeckel ou Topinard; mas para mim era simplesmente uma asneira paradoxal em anatomia comparada. Nunca me esqueceu. Lembro-me sempre da figura indelevel d'aquella mulher, quando nego a blasphema hypothese do Deus de Moisés e do sr. padre Grainha, um Deus que fez á sua imagem e semelhança e—o que mais é—á sua custa, um typo humano com o perfil divino d'aquelle feitio. Contou-me que estava ali por ter dado uns tabefes n'uma regatona de castanhas cosidas que lhe deitava o raio do olho ao marido, o João do Corgo, um calceta que andava a cumprir sentença de toda a vida, innocente, por ter ajudado a matar um padre. Innocente! Como ella qualificava a iniquidade da justiça social com seu marido que matára em collaboração um levita! Queria talvez que o premiassem como quem mata um lobo.

Com referencia á sua companheira, tambem a julgava innocentissima. Contou-me que se enchera de aguardente até cair; e logo á entrada protestára que se havia de enforcar nas grades.

Acrescentou, n'uma irritação de quem tem soffrido injustiças exulcerantes, que a pobre da creatura não roubára nada; que todo o dinheiro que tinha eram seis vintens em prata que comprára d'aguardente.

Entretanto, Gloria ressonava.

Era um bonito exemplar de um cancro roído pelos microbios de fóra, de parçaria com os microzimas de dentro—herança do Paraizo. Isso que ali tresandava era um dos abcessos estercoraes que genealogicamente nos vieram do ventre primordial de Eva, nossa matriarca. De lá nos deriva—divina Iniquidade!—esta syphilisação das almas, transmissivel e incuravel a despeito dos vários *Robs* depurantes, *brevet d'invention*, das pharmacias do Vaticano.

Em quanto ella dormia, fui a minha caza que pegava com o Aljube pelas trazeiras, e rebusquei no estafado colchão de Gloria os vinte e cinco pintos, visto que ella os não tinha em si. Lá estavam em uma bolsa de camurça. Fui com o dinheiro á regedoria, onde compuz o meu primeiro e inedito romance oral, nada auspicioso, contando á authoridade inflexa que a preza estava innocente, porque o queixoso, antes de se embriagar, escondêra o dinheiro no colchão, e não sabia depois onde o mettêra. O meu romance foi pateado, pelo sorriso do regedor, como inverosimil—desastre que depois me tem succedido com outros muitos romances, inspirados por intuitos menos louvaveis e mais verosimeis. Eu quizera salvar Gloria da imputação de ladra. Em todo caso, o funcçionario, lavrado um auto que assignei como apresentante do roubo, embolsou o velho devasso, um negociante de fructa da Penajoia, que me queria dar um pinto de alviças, o qual eu regeitei com um pudor anachronico, arcadiano.

Eu que descera das penedias transmontanas, perfumadas das essencias das matas altas, vestidas do roziclér das auroras, da purpura vespertina dos crepusculos, de moitas de rosmaninhos, e resvalára á sargêta da rua Escura, fui como um archaico *Thesouro de Meninos*, cahido no enxurdeiro e focinhado por aquelle cerdo da

Penajoia; ou, melhor comparado, era o nenuphar solitario, a impolluta nympha do pantano portuguez de 1845.

Quando voltei ao Aljube estava ella muito atordoadá, n'uma bestificação, a queixar-se de fome, porque não comia desde a vespera, e o alcool causticava-lhe as mucosas. Fui á estalagem da rua de S. Sebastião, ali ao pé, e mandei-lhe o jantar. Comeu pouco e não quiz vinho. Pediu genebra que lhe não dei. Ao anoitecer, chegou um quadrilheiro com a ordem da soltura. Acompanhei-a ao seu segundo andar. Ella olhava muito pasmada para o colchão que ainda tinha parte dos intestinos de retraço de palha moída por fora da abertura; mas não fez alguma reflexão em voz alta. Propuz-lhe a sahida para Lisboa no dia seguinte, com os meios que o meu amigo lhe liberalisava. Fallei-lhe no perdão do pai, na sua regeneração—fui tocante; e ella, com uma indolencia idiota, e um escancarar de bocca:

—Tanto se me dá como se me deu.

A mulher que, um anno antes, citava Lamartine, Victor Hugo e Sand estava assim estylista: Tanto se me dá como se me deu!

*

Como aquella senhora se despenhou vertiginosamente até cahir no fôjo immundo de uma devassidão bestialmente suja é phenomeno que só espanta quem não sabe logica, nem conheceu um exemplo. E quem não conhece trez exemplos que o dispensem de encadear os elos da logica?

Eis-me na rhetorica!

Eu não ignoro que esta especie de autopsy em cadaver estampilhado com a infamia que não discutem pessoas que se prezam, é um archaismo, uma subjectividade obsoleta. A escola naturalista estabelece que a comprehensão publica está por tanta

maneira salitrada d'estas podridoens que não carece da catechese psicologica para perceber o desabamento.

Pois se intendem como foi que aquelle corpo tábido de D. Gloria chegou assim no enxurro ao ergastulo das ladras, queiram desculpar esse pedaço de estylo quartenario, que ahi fica para admiração dos archeologos, como se fosse um craneo dos *Paraderos* da Patagonia.

Consintam, porém, que eu me imagine, em 1845, na rua Escura, a interrogar o segredo da miseria humana, DEUS, o *Motor Immovei*, assim chamado por Aristoteles. Como cahiu na esterqueira do aljube das ladras aquella pasta de estrume, o farrapo roixo das escareas de uma ulcera cancerada que, uma só vez, Jesus, com os seus olhos abrasadores de fogo divino, poderá cauterisar no peito da meretriz de Magdala? Para resgatar uma judia formosa e dissoluta das presas aveludadas da lascivia oriental, foi preciso um ente ultra-humano; e, para esse bom exito, fez-se mister que o Deus—mais conhecido entre as familias pelo *Padre Eterno*—baixasse da sua metaphysica immaterial ao anthropoide, encorporando-se n'um gentil nazareno; aliás, talvez não fizesse nada—palpita-me. Um Deus extreme, categoria ideal incomprehensivel, sem mescla de homem, com uma organização desconhecida aos biologos, não vingaria, com todo o seu *mise en scène* de trovoens e relampagos, infiltrar contrição no peito d'aquella mundana, calafetado pelos beijos dos tetrarcas, dos pretores e dos opulentos chatins da Assyria. É bem notorio que os feios cornudos diabos do vicio, dispersos no ambiente, muito familiares com os costumes de planetas, cometas, meteoros, etc., e *blasés* em trovoadas, não largam as suas victimas, ainda que a faisca eléctrica de um corisco lhes queime aquella parte do cavallo morto a que o anexim portuguez deita a cevada. O diabo tem a enorme força que Deus lhe deu sobre a nossa fragilidade. Nós somos a pluminha volatil da pomba redemoinhando vertiginosamente nas convulsoens de uma tromba terrestre. Fez-se, por tanto, mister a humanidade gentilissima de Jesus, adoravel na sua vida casta e na sua indulgente misericordia com as peccadoras, para reduzir aquella á

honestidade. Elle tinha escripto com o dedo na poeira da praça a sentença absolutoria d'uma adultera. Alem d'isso, o valoroso galileu atagantara com umas disciplinas de esparto as costas da quasi sempre respeitavel classe commercial, que armara vitrines de modas e confecçoens no templo. Seria ali que provavelmente a espaventosa Magdalena, com grandes uzuras, e talvez a gis, ou á custa de meiguices fraudulentas, comprára as suas pompas—a escarlata persica dos seus mantos roçagantes, as meadas de pérolas de que ennastrava as suas tranças loiras, e as essencias aromaticas com que ungira, a despeito de Judas, os pés do mavioso acariciador das creanças innocentes, e juiz compadecido das filhas de Jerusalem iscadas da corrupção romana.

Creio na conversão de Maria Magdalena; porém a de sancta Maria Egypsiaca e das trez sanctas Margaridas, uma de Cortona, outra do *Fausto*, e a terceira de appellido *Gauthier*, essas são fallacias de agiologos e dramaturgos.

*

A filha do Cavalleiro de Christo, esposa do ex-almoxarife, foi para Lisboa, decentemente trajada, em beliche de 1.^a classe. Carlos Ribeiro hypothecára talvez o seu soldo de seis mezes. Se me dessem a escolher, eu preferiria ter praticado este acto a ter feito a descoberta do *Anthropopithecus Ribeiroii*.

*

Em 1845, ao deixar o Porto e a chimica para ir jurar bandeiras na bohemia de Coimbra, despedi-me de Carlos Ribeiro e nunca mais o vi. Trinta e sete annos de separação absoluta como exordio da eternidade!

Pois que as nossas pesquisas paleontologicas eram em mundos diversos, nunca mais nos encontramos. Olhavamo as cumiadas de montanhas em horisontes oppostos: elle—para o acume da Sciencia, a desvendar os segredos do genesis; eu—para a Arte, a subjectividade esteril. O archeologo, pelo pregão dos mestres

européus, assumiu a eminencia; depois, morreu; mas está na posse da immortalidade. Bem boa coisa. Em quanto eu, graças á magnanima concessão dos meus patricios letrados, estive toda a vida, ao sopé da montanha alcantilada, a descrever coisas feitas pessoas por essas terras quentes dos Brasis, onde ha fermentaçöens, e avatar e os transformismos darwinistas como em nenhuma outra fauna.

A este rude caboucar de um terço de seculo, devo eu—ó celestiaes bebedeiras de gloria!—a exultação atordoante de me ver, aqui ha dias, conceituado em certa gazeta da capital como *romancista conhecido*. Li-o em lettra redonda e resisti á apoplexia do jubilo. «Romancista» *tout court* era já uma apotheose hyperbolica; porém, de mais a mais «conhecido», isso transcende os extasis de uma idolatria catholica, que me colloca na jerarchia litterata de S. Cypriano, de Sancto Athanazio e d'outros Sanctos Padres romancistas mystagogos maiores da marca. Mas, visto que assim o querem, este culto pagão muito me penhora. Pois bem! Quando um plumitivo arrojado, sovando aos pés os conspiradores do silencio, trepa até não ser de todo desconhecido no Chiado—5.^a essencia de Babylonia com perfumes de Marrocos—esse petulante genio não transporá as fronteiras da modestia, se almejar as doidas delicias de ouvir, um bello dia, nomear a sua pessoa conhecida no não menos conhecido Poço do Borratem.

Pois é verdade: eu, como novellista, descobri mais anthropoides do que elle como geologo. Mas faz pena que eu não procurasse ensejo de pedir aos setenta annos do general as recordaçöens do tenente.

Quanto a Gloria que, por uma inconsciente zombaria de si mesma, ao atufar-se na noite caliginosa da miseria e da infamia anonyma, se chamára *Aurora*, se isto fosse um romance, pode ser que eu, n'esta idade provecta, ainda tivesse explosöens de fantasia rara para fazêl-a morrer de alcoolismo, no catre do hospital, para onde a levaram esfragalhada, mordida pelos cães vadios, apupada

pelos gaiatos, sovada pelos pontapés da guarda-municipal, espumando gromos de sangue nos ultimos vómitos da aguardente.

Mas eu não sei como, nem quando ella morreu; nem sei se é viva e se está na quinta dos seus avoengos restaurando com capilés e agua de Lourdes o estomago e os erros da sua mocidade.

*

Este episodio da mocidade do douto general, se eu o contasse ha trinta annos, teria os recortes, os matizes e filigranas idealistas da poesia que ainda n'essa epoca de transição enfeitava as suas dissecçoens nauzeabundas das paixoens animaes. Todo analysta da vida e da morte vestia umas luvas brancas quando expunha sobre a sua banca de trabalho uma peça anatomica, um coração para descoser, e sahia com as luvas sem nodoa. Era isso um grande mal. O romantismo poetico inflorava as putrefaçõens com côres e subtilezas taes de pétalas e aromas que, em vez da repulsão pelo podre, punha nas cabeças azoadas as vertigens dos abysmos. Essa perversa missão da Poesia soffreu o exterminio de todos os flagellos que estão ao alcance desinfectante e hygienico da Sciencia. Pouquissimos e esporadicos são já os poetas no termo genuino de «deturpadores da realidade». Os que ainda rimam deteriorando a verdade experimental com embustes methaphysicos são uns atavismos que fazem lembrar, na sociedade actual, as aberraçõens genesicas que remontam o homem á torpeza selvagem da Australia e á civilisação refinada da Roma de Juvenal, e da Grecia de Anacreonte. Essa chaga insanavel da besta humana esvurmará sempre a sua peçonha já em brochuras, já nas partes da policia por ultrages á veneranda Moral—uma velhinha tão trôpega que, assim que lhe embarram, cáe no asphalto, e entra a gritar pelo habil Antunes e por outros habeis que não ganhariam a sua vida officialmente gloriosa, se a Moral fosse mais acatada e menos atacada. O leitor, se é uma especie de habil Antunes da vernaculidade, seja indulgente com este jogo de vocabulos que tambem é um ataque desmoralisado á lingua.

Quanto ao poeta científico, genial, racionalista, concluída que seja a sua obra de sapa e a última batalha dada aos deuses, esse tem de desaparecer como inútil, e ridículo como um archaísmo. Ainda hontem, na França, Eugène Véron, no seu livro de ESTHETICA, escreveu que *tout le monde, sauf les idiots, est poète*. A condicional *sauf*, poderia excluir muitos poetas nossos conhecidos; mas Véron inverteu paralogicamente a excepção em regra. Elle, se fosse um digno interprete da Sciencia implacavel, deveria ter escripto: *Ninguém é poeta, excepto os idiotas*.

FIM.

¹ Bibliothèque des sciences contemporaines. *Le préhistorique antiquité de l'homme*, par Gabriel de Mortillet. Paris, 1883, pag. 105.

² Obra citada, pag. 106.

³ *La Sociologie*, pag. 44. Paris, 1880.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O GENERAL
CARLOS RIBEIRO ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org.

If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain

Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must

return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in

locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.